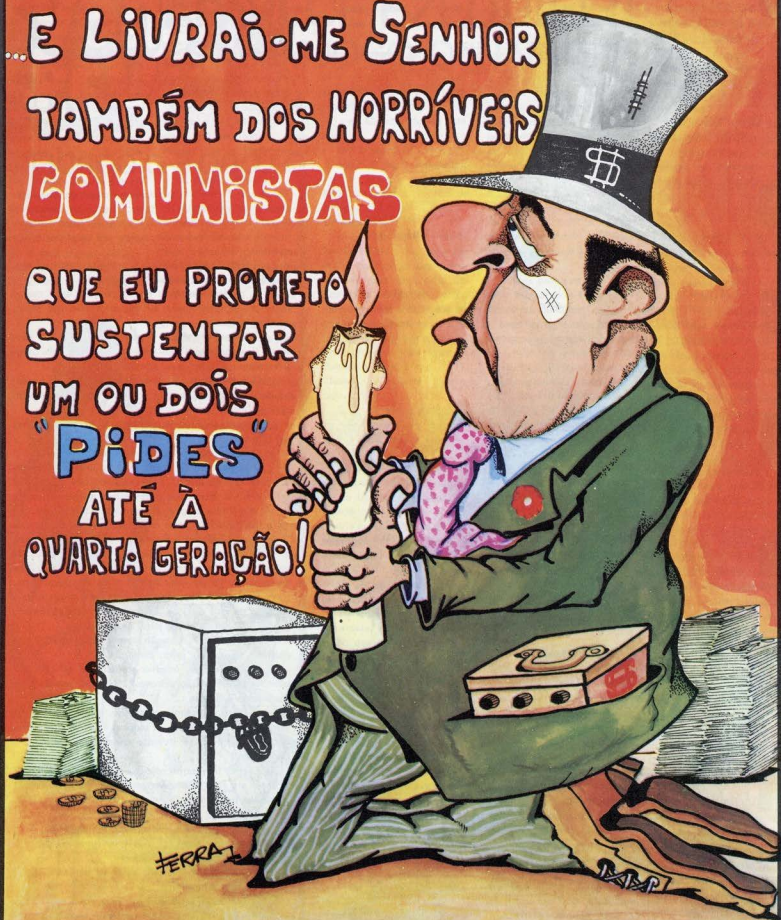




# ...E LIVRAI-ME SENHOR TAMBÉM DOS HORRÍVEIS COMUNISTAS

QUE EU PROMETO  
SUSTENTAR  
UM OU DOIS  
"PIDES"  
ATÉ À  
QUARTA GERAÇÃO!



# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



**O**uem a sabe toda é Mestre Kissinger! Quando era secretário do estado do sr. Nixon, dizia à boca cheia que o caminho que os Estados Unidos deveriam seguir era o da redução do armamento e dos orçamentos de defesa, para ver se toda a gente se passava a dar bem uns com os outros (ele queria dizer com os russos).

Porque essa a política do seu patrão, o sr. Nixon.

Agora que o chefe é o sr. Ford, Kissinger sabe muito bem que nesse capítulo Ford sempre discordou de Nixon e sempre proclamou que os Estados Unidos deveriam ter uma forte defesa para desencorajar os atrevidos, mestre Kissinger já veio discursar em público a dizer isso mesmo: que é preciso que os Estados Unidos tenham uma defesa forte porque só com defesas fortes é que se tem força à mesa das conferências.

Inteligente, o moço!

**O**s turcos continuam a lutar com os gregos. Os capacetes azuis que têm por lá andado pelo meio a ver se os separam, também já comeram para o tabaco. E agora tanto gregos como turcos decidiram mandar um ultimatum aos senhores das Nações Unidas — os tais capacetes azuis — para se porem dali a cavar sem mais demora. Senão é pior.

**E**les lá sabem porque é que o dizem. Já correm zum-zuns que o dirigente turco Raul Denktash quer ver se consegue fazer assim uma especie de urbanizaçõitza turca ao norte de Chipre. Ele acha que muita gente junta não se salva, e assim, para evitar futuros aborrecimentos e misturas, pensa fazer uma republicazinha de trazer por Chipre, lá em cima.

**A**té há pouco tempo, Kissinger era conhecido como o verdadeiro prémio Nobel da Paz. Agora o seu prestígio começa a empanar-se e o primeiro a atacá-lo foi o jornal francês Le Monde, que o acusa de tratar os outros povos do mundo como "peões" no jogo de interesses americanos, sem querer saber depois deles para nada. Pensando bem, pensando bem...

**O** presidente Ford parece que está a gostar do lugar. Tanto que ainda mal o aqueceu, já declarou que vai concorrer, em 1976, ao cargo de Presidente, para um mandato completo. Realmente presidente só por dois anos, é pouco. E ainda de mais a mais por passagem administrativa, como os estudantes, não dá assim lá muito prestígio...

**A** esta hora deve estar o vice-presidente Nelson Rockefeller a roer as unhas, e a pensar em todo o seu passado. Porque para ser sancionado por ambas as Camaras do Congresso o seu cargo, elas exigem uma investigação completa de todo o seu passado, feita a pente fino. Neste momento estão o celebre F.B.I. a várias agências de investigação, a catar todo o seu passado. Pobre homem!

**A** Argentina toma uma posição de homem na conferência sobre a população mundial. Mais de 130 países reunidos em Bucarest têm estado a discutir os processos de controlar a população mundial, e quase todos têm estado inclinados para a teoria da imperativa necessidade de controlar os nascimentos, porque dizem que já por cá anda muita gente a fazer o pão caro.

Esse plano inicialmente proposto tinha 93 paragrafos e a Argentina já se pronunciou contra 68 deles, principalmente contra aquele em que se preconizava que até 1985 fossem postos contraceptivos à disposição de todos que os pedissem.

A Argentina disse que não podia admitir que a humanidade fosse tratada dessa maneira. Que para resolver os problemas da população — pouca ou muita — era apenas preciso haver desenvolvimento, justiça social e distribuição equitativa de riqueza.

Ah, grande Camparsita! Isso é que é musicat



## O LOBO E O CORDEIRO

Estava um cordeiro a beber água num lindo ribeirinho (claro que não era o do teatro, era outro ainda mais lindo) e veio um lobo também com intutos confessáveis de matar a sede, e inconfessáveis de matar o cordeirinho.

— Olha lá, ó cordeirinho: que atrevimento é esse de estar aí a sujar a água que eu vou beber?

O cordeirinho ainda esteve para lhe dizer que já ali estava primeiro que ele. Mas para não dar muita curfina, respondeu:

— Ó seu parvalhão, o que é que você tem com isso? Se acha que a água está suja vá beber para outro lado. Quem não está bem muda-se.

O lobo ficou um bocadinho de focinho à banda, porque a história que ele conhecia não tinha aquele diálogo: mesmo assim retorquiu:

— Bom, senão estás a sujar, é porque foi o teu pai que a sujou!

O cordeirinho perdeu as estribeiras:

— Ó seu sacana, o que é que o meu pai tem que ser para aqui chamado? Fique sabendo que eu até nem falo com ele, desde que chumbei nas primeiras ervas, e se ele lhe sujou a água, o problema é seu e dele, que eu a gandelus não passo cartolina. Trate lá da sua vida e deixe-se de vir p'ra qui prégar moral, que isso cá para a malta nova não pega. Isso era bom para vocês, os gajos doutros tempos que andavam com as fraldas agarradas ao cú até casarem e às vezes até depois disso.

Cá a malta desta época é activista e progressista e defende os seus direitos. Escusa de vir para cá armado em mandão que isso não pega. Ouvuiu?

O lobo estava passado com o à-vontade do cordeirinho. Já quase a medo ainda disse:

— Mas oiga lá, menino cordeirinho, eu não quiz ofender! Disse aquilo porque... bem vê, era costume ser assim... e depois.

— Claro, e depois comia-me, não era? Isso foi tempo, velhote! Agora a musica é outra! As novas gerações já não se deixam comar por vocês, seus parvalhões!

E você tem muita sorte de andar aí à solta! Você já devia era estar num asilo, seu fósil, seu antepassado, sua múmia bolorenta!

— Mas...

— Qual mas nem meio mas! Ponha-se mas é na alheta e quanto antes, se não quer que eu chame a malta e lhe limpe o cobo! Andar!

O lobo meteu o rabo entre as pernas e trotou dali para fora a murmurar:

— Eu já devia saber isto! Essa coisa das fábulas era antiquamental! Com esta mocidade reguila estamos lixados!

**E**mbora ainda um bocadinho à rasca, cá estou eu de novo... Vocês sabem lá o cagaço que eu apañei no fim de Abril... Ainda me arrepio toda só a pensar nisso e olhem que o caso não foi para menos... Nessa madrugada eu tinha-me deitado um bocadinho tarde porque fui dar uma volta com o meu "Nanas", um rapaz amigo que me serve de companhia quando eu estou tesa, para pagar os copos. É que o "Nanas" ganha umas corcos, ou melhor ganhava a arranjar anúncios para a revista da PIDE, um dos meios de cultura daquela rapaziada simpática. Eu por acaso não sabia que ele tinha esse ofício, nem que estava ligado a tão prestimosas e humanitárias corporações. Sempre julguei que ele só fosse parvo conforme se pode provar pelo facto de sairmos às vezes pela noite fora, até aos fados, ele pagar tudo e mais alguma coisa, e nunca me ter tocado nem com um dedo, muito embora

# O TRÁNGO REGRESSO DA Menina Babá

## APARECE EZEQUIEL!! ESTÁ EM JOGO O "NANAS"!!

disseste aos amigos que era a "bicicleta" dele. A gente vai fazendo de conta que não percebe e não sabe de nada, já que vão escondendo umas massas e se eu fosse menina mesmo quando o conheci, ainda agora continuava a sé-lo...

— MAS como eu ia dizendo, nessa madrugada, a fim pelas sete horas, ainda ele me tinha ido levar a casa há pouco tempo, e ainda eu estava nas minhas abluções pelas partes que haviam servido, as mãos a comer marisco, é claro — tinha sido noite de "Nanas" — telefonou-me ele em pânico com a voz a tremor.

— Tá, Babá? Daqui é o teu "Nanas"? Rebentou uma revolução. Posso ir aí dormir esta noite? Escodes-me aí?

Eu até julguei que fosse

uma habilidade do tipo e que ele tivesse ficado esperto de repente. Seria milagre, é certo, e eu não acredito em milagres.

Daf a bocadinho estava ele a bater à porta desalmadamente, branco, com olhos fora das órbitas. Entrou de repente e pôs-se de joelhos aos meus pés:

— Querida Babá, eu nunca fui da PIDE... Eu dizia que era só para armar aos cucos. Sempre dava uma certa importância. Mas não... Eu nunca fui da PIDE. Eu só arranjava anúncios para a revista deles e agora vão prendê-los todos. Não querida Babá... Salva-me... O "Nanas" não quer ir dentro...

E se ele estava acagaçado eu não fiquei menos e fui fechar a casa toda a sete chaves...

Durante estes meses só abri a porta para dar um chuto no traseiro do "Nanas" e mandá-lo com dono, e para abrir a porta ao "puto" da leitearia que me traz todos os dias alguma coisa que coma...

Só ontem atendi o telefone que tocava desalmadamente há quatro meses. Fiquei espantada. Era o meu patrãozinho que eu julgava já feito em chouriços. Brutozinho como sempre começou aos berros:

— Então menina Babá, qual é a sua ideia? Pediu a reforma?

Eu tentei explicar-me:

— Oh senhor Director, a revolução...

E aquela besta insultou-me:

— Qual revolução, menina Babá? A menina é parva... Se não se apresenta imediatamente ao serviço queixo-me contra si de "Lock-out"...

— De quê, senhor Director?

— De "Lock-out" que é uma coisa que só pode ser autorizada superiormente.

Ninguém pode fechar o seu local de trabalho, sem ordem superior. Ora a menina não aparecendo quatro meses e portando furtando o seu corpo que é o seu capital ao exercício da sua função sem ordem do Governo pode ser condenada por lock-out ilegítimo. Isto por fechar ilegítimamente o que devia ter aberto. Percebeu? E se não aparece já, quem a lixa sou eu...

Fiquei para morrer e antes dele desligar o telefone gritei em plenos pulmões:

— Não faça isso, senhor Director... Eu vou já, eu vou já... Eu não quero ter nada fechado... Eu não "locuato" coisa nenhuma. Eu abro tudo. E fui. Com um cagaço de morte. Foi sem saber para o que ia, mas bem lavadinha e perfumada, pelo sim pelo não... Cheguei lá e contei tudo. Só senti pouquinho quando ao relatar o caso do "Nanas" disse que ele era meu irmão ilegítimo, por parte da mãe dele claro...

E o brutamontes do director riu-se alarvemente e disse-me:

— Menina Babá vou pô-la perante um grande dilema... Aí eu fiquei um bocadinho aflita e perguntei timidamente:

— Mas senhor director, eu nunca tinha ouvido esse nome de dilema... Eu de qualquer modo venho bem lavada e perfumada... Mas o senhor director acha que os dilemas cresceram com a revolução?

Aquela besta continuou aos berros:

— Menina Babá, não seja parva. Dilema é uma alternativa difícil... —

— Alternativa? Está a falar do "Nanas"?

— Por acaso sem querer acertou... Só faço alguma coisa por esse alarve "parapídico", só deixo que você o procure quando a menina ahar o Ezequiel.

Fiquei para morrer... O

Ezequiel? Mas quem seria o Ezequiel? E qual Inês de Castro perante a sanha dos seus carrascos, dirigindo-se ao avô das suas criancinhas, olhos postos no chão e as lágrimas caindo em cascata pelos marmelos meios desnudos implorrei:

— Mas senhor director, quem é o Ezequiel?

Sempre aos gritos ele "elucidou-me":

— NÃO SEI! QUERO À MINHA FRENTE O EZEQUIEL! QUERO O EZEQUIEL!

— Mas senhor director, e o meu pobre "Nanas"? Sabe-se lá, se não estará em Caxias ou em Peniche...

Tonitroante aquela besta, que eu ainda hei-de ver se um dia consigo sanear, que é, segundo me disseram, como se diz agora, despedir o patrão, continuou aos gritos, perante a minha fragilidade e emoção:

— JÁ DISSE... QUERO O EZEQUIEL! Ou a menina me descobre o Ezequiel ou diga adeus para sempre ao seu mano "Nanas" "parapídico"... E desapareça da minha vista. Volte só com o EZEQUIEL. Ai de si, se vier sem ele ao serviço...

E pronto. Estou desgraçada. Se eu não volto ao serviço ele acusa-me de estar a "locuato" o que eu devia ter aberto. Se vou sem o Ezequiel posso dizer adeus ao "Nanas" que ele é homem para o que se chama estar bem dilemada e com o ordenado em atraso.

EZEQUIEL! APARECE EZEQUIEL! Ajuda-me contra a peçonha daquele bruto. EZEQUIEL! APARECE EZEQUIEL, que mais dilema, menos dilema, menor dilema, ou mais pequeno dilema, a Babá, sempre há-de agradecer-te EZEQUIEL. Nem sempre uma pessoa está de "Lock-out"...

E tu querido "Nanas" dos anúncios da revista da PIDE, ainda há-de amargar todos os sacrifícios que tenho sido obrigada a fazer por ter dito que eras meu irmão ilegítimo... Mas para que é que eu me havia de meter em política...

— Tá, Babá? Daqui é o teu "Nanas"? Rebentou uma revolução. Posso ir aí dormir esta noite? Escodes-me aí?

Eu até julguei que fosse

uma habilidade do tipo e que ele tivesse ficado esperto de repente. Seria milagre, é certo, e eu não acredito em milagres.

Daf a bocadinho estava ele a bater à porta desalmadamente, branco, com olhos fora das órbitas. Entrou de repente e pôs-se de joelhos aos meus pés:

— Querida Babá, eu nunca fui da PIDE... Eu dizia que era só para armar aos cucos. Sempre dava uma certa importância. Mas não... Eu nunca fui da PIDE. Eu só arranjava anúncios para a revista deles e agora vão prendê-los todos. Não querida Babá... Salva-me... O "Nanas" não quer ir dentro...

E se ele estava acagaçado eu não fiquei menos e fui fechar a casa toda a sete chaves...

Durante estes meses só abri a porta para dar um chuto no traseiro do "Nanas" e mandá-lo com dono, e para abrir a porta ao "puto" da leitearia que me traz todos os dias alguma coisa que coma...

Só ontem atendi o telefone que tocava desalmadamente há quatro meses. Fiquei espantada. Era o meu patrãozinho que eu julgava já feito em chouriços. Brutozinho como sempre começou aos berros:

— Então menina Babá, qual é a sua ideia? Pediu a reforma?

Eu tentei explicar-me:

— Oh senhor Director, a revolução...

E aquela besta insultou-me:

— Qual revolução, menina Babá? A menina é parva... Se não se apresenta imediatamente ao serviço queixo-me contra si de "Lock-out"...

— De quê, senhor Director?

— De "Lock-out" que é uma coisa que só pode ser autorizada superiormente.



**HUMORISTAS**

De expressão oral, escrita ou gráfica, para várias realizações. Resposta com pequeno trabalho, se possível para A.M. — Est. das Laranjeiras, 240 - 5 - A Lx

# Crónica semanal



por E. DÁSTIAS

## Crónica nortenha e o mais que à rede venha...

### O HOMEM DE NOVA IORQUE



Teimoso como todo o cientista que se preza, o professor Veiga Simão não pôde (por motivos óbvios) concluir, em Lisboa, a SUA reforma do nosso ensino, mas lá está (por motivos menos óbvios) a colaborar, em Nova Iorque, na reforma da nossa diplomacia!

O que talvez não esperasse, após esta mudança de ramo de actividade, era continuar ainda e sempre a braços com **CONTESTATÁRIOS**...

Conforme se sabe, foi, porém, o que aconteceu. Parece, até, não haver forma de desistirem de vê-lo, a ele próprio, rapidamente **REFORMADO**.

Não esquecem, de resto, que um outro ex-Ministro da Educação (o Dr. Hermano Saraiva) teve, há pouco, de deixar as funções de Embaixador (em Brasília) que também exercia.

**ESTÁ ABERTO** — dizem — **O PRECEDENTE**.

### O TURISMO DE FAFE

Não sei se foi grande a afluência de forasteiros às tradicionais festas de Fafe, recentemente realizadas.

Do que não tenho, porém, dúvidas é de que o cartaz das mesmas, profusamente espalhado pelo menos no Norte, estava longe de ser, nesse

sentido, particularmente entusiasmante...

Pois não apresentava ele — na gravura central, sublinhada pela significativa legenda "Justiça de Fafe" — um robusto "popular", em arregaçadas mangas de camisa, empunhando uma alentada moça e prestes a malhar com ela de alto a baixo num "cavalheiro" de casaco-e-colete-e-chapéu?!

É possível que meios destes resultem, em Fafe, no que respeita à justiça. Mas resultarão igualmente **NO QUE RESPEITA AO TURISMO?**



### A MODA DE PARIS

Revestiu-se de toda a conveniência e de toda a justiça a detenção daquele turista francês que, em plena praça dos Restauradores, resolveu, felicíssimo da vida, abraçar e beijar à força uma das nossas simpáticas mulheres-policias.

Sim, porque lá por termos longamente sido um país de **COSTUMES BRANDOS** não deve concluir-se que estejam, sem mais, assim abertamente disponíveis as... **COISINHAS FOFAS!**

Sobretudo quando se acha oficialmente proclamado ser em absoluto necessário todo um programa nacional de **AUSTERIDADE**.



### O NEGÓCIO DA CHINA

Fui há umas noites jantar, aqui no Porto, a "uma nova casa para os apreciadores da cozinha chinesa", onde — segundo os anúncios — "o requinte é palavra de ordem".

É, sim senhor.

Aliás, palavra de ordem é ali também — a conta, a jovem que me acompanhava ficou **FULA**; e eu, para encontrar nos bolsos com que pagá-la, vi-me **GREGO**.

Ainda ando à procura de um pensamento do Presidente Mao que me conforte.



**I** á cem anos, na continuação de uma tradição de séculos e em pleno esplendor daquela moral vitoriana que em todas as morais rígidas não via mais alto do que o baixo-ventre, ninguém pronunciava o nome de Lucrecia Borgia à frente das crianças, tão escandaloso ele parecia e tão carregado de torpezas. Na ópera, entrincheiradas nos camarotes e na opulência das chinchilas, as damas indicavam umas às outras a grande aventureira do momento e "chinchilavam": — É Lucrecia Borgia! — os maridos enganados, prostrados em canapés para essas ocasiões, soluçavam: — Era uma Lucrecia Borgia! — Os que acompanhavam o enterro de uma prima mal vista na família, explicavam: — Foi uma Lucrecia Borgia! — As raparigas que trocavam um namorado por outro, interrogavam-se, palidíssimas, ao espelho, e diziam: — Serei uma Lucrecia Borgia? — Enfim, Lucrecia Borgia, vilipendiada em tantos séculos, era conjugada em todos os tempos!

Não houve, no mundo, mulher alguma que excedesse a Borgia em má reputação. Nem a própria Messalina que durante tanto tempo detivera o ceptro do crime e da nymphomania. Em comparação com Lucrecia, a nossa Leonor de Telles parecia uma colegial traquinas e Dona Carlota Joaquina, que logo

# A REABILITAÇÃO DE LUCRECIA BÓRGIA

na noite de núpcias mordeu ferozmente a orelha de D.João VI e, em seguida, lhe vibrou com um candellabro na cabeça, afigurava-se uma simples neurótica. Como Esculápio ficara associado à medicina e Herodoto à História, Lucrecia Borgia permanecia ligada à pouca vergonha.

Não fica bem a ninguém ser filha de um Papa. E Lucrecia, por sê-lo, sem que disso tivesse culpa, encarou aos olhos dos seus contemporâneos todos os defeitos e pecados. Foi rotulada de tudo menos de fascista: incestuosa, envenenadora, adúltera, assassina... Para lavar a sua mimosa "roupa suja" não bastaria o rio Tibre: era preciso o Amazonas!

Porém, historiadores modernos decidiram-se a averiguar o que havia de falso e verdadeiro na "crônica" da filha de Alexandre VI. Espanto dos espantos! Além do seu nascimento insólito, nada existia que pudesse provar as insinuações e as sentenças implacáveis a seu respeito. Toda a sua vida decorrera com grande recato — embora Julia Farnésio, a concubina do pai, houvesse presidido no Vaticano ao banquete do seu primeiro casamento. Durante a vida conjugal

sempre dera provas de fidelidade e amor — embora tivesse casado três vezes e um dos felizardos fosse estrangulado na cama pelos sicários de Cesar Borgia. Fora amada pelos seus subditos, liberal protectora de artistas, generosa para os servidores, obediente ao pai. Em suma: não passara de um joguete nas mãos paternas e do irmão que a utilizavam nos seus planos de alianças políticas por via do matrimónio, uma arma da diplomacia que não existe na nossa época e que, ainda existente, teria sugerido a Kissinger as apressadas núpcias do rei Hussein com Golda Meir para solucionar de vez o conflito entre os seus países.

Reabilitada de um labéu que datava do principio do século XVI, enxuta das calúnias com que a bombardearam os inimigos da família, a seráfica Lucrecia apresenta-se agora como um exemplo luminoso de virtude.

Embora subsistam certas duvidas.

Embora ainda ninguém se atreva a dizer, enaltecendo as qualidades de uma filha casadoira:

— Não imagina, ela é uma jóia, uma autentica Lucrecia Borgia!



## TEATRO



— C'adela a Inês?  
— Tá li a estrabochar com três facadas no buche que le deu o Pér Coêlhel!

— Aiiihi esgaradinha!  
Era assim uma das cenas culminantes do drama Inês de Castro que eu vi representado há anos numa ilha dos Açores.

E isto vem a talho de foice, porque muitos dos meus fieis e devotados leitores me têm pedido que escreva tudo o que sei a respeito de teatro.

Claro que seria impossível eu escrever tudo o que sei a

respeito de teatro, em primeiro lugar porque isso transformaria este jornal numa enciclopédia muitíssimo mais completa que o Larousse ou que a Enciclopédia Britânica.

Depois, porque eu não estou de forma alguma disposto a passar dez ou doze anos a ditar em grande velocidade para o gravador, nem tenho bobines que cheguem. E finalmente porque ninguém me paga para isso.

Portanto, meus devotados amigos, agradeço muito obrigadinho o vosso pedido mas

apenas descenderei em vos dar algumas muito rudimentares ideias acerca do teatro, e digo rudimentares porque gosto desta palavra: por mais nada, porque as minhas ideias nunca são rudimentares.

Ora o teatro começou há muitos anos. Chamava-se o "Salão Paraíso" muito embora muitos teimassem em chamar-lhe Eden. Claro que não pertencia de forma nenhuma nem à empresa daquele Eden ali dos Restauradores, nem a nenhum dos Salões Paraísos que existem por esse país fora.

Era mesmo o verdadeiro Salão Paraíso. Foi levada a cena uma peça tão dramática quanto possível, e que se chamava se bem lembro e não estou tão vitorino quanto amnésico, o Fruto Proibido.

Está bem, está bem. Eu sei que vocês se lembram de ter visto essa peça no Eden. Mas foi no Eden dos Restauradores ou noutra qualquer, não ha sua "premiere" do Salão Paraíso.

O Protagonista era o novel galã Adão de Barro, e a ingénua — que de ingénua tinha muito pouco — era aquela talentosa jovem chamada Eva Macieira.

E a intriga era do estilo das peças de suspense, quase Hitchcoquicas, porque a intensidade dramática ia crescendo de acto para acto (naquele tempo as peças tinham muitos actos, que era para os actores descansarem) até atingir um climax de intensidade superior.

No primeiro acto desenhava-se o prelúdio do drama: o Grande Senhor admitia ao seu

serviço um casal de desempregados a quem mostrava todos os seus dominios. Nestes abundavam as arvores de fruto, num ridente pomar tão bem tratado que nem precisava de pesticidas nem nada, e onde floresciam miríades (gostam des termo?) de todas as variedades frutíferas mais em voga naquele tempo.

Claro que o Grande Senhor, como todos os grandes proprietários, tinha as suas esquisitices e ninguém lhas podia levar a mal. E lá num dos cantos do pomar tinha a sua secção de confidenciais onde sobressaia uma víçosa maceira que ele tinha em particular estima até porque estava a proceder a um estudo de pomicultura acelerada para tentar descobrir o processo de negociar a fruta sem intermediários (foi que até hoje ainda não foi conseguido, diga-se de passagem).

Ora no final desse primeiro acto o Grande Senhor avisava solenemente o novo caseiro (e a respectiva consorte) que ali naquela maceira ninguém tocava.

O novel caseiro disse sim senhor sem hesitar. Ele era um simplório. Mas antes do pano correr o publico tinha tempo de ver a travessa Eva, que seguia dos passos atrás deles, a olhar de lado para o publico, e a puxar com o dedo atrevido a palpebra direita inferior.

No segundo acto havia tiradas espantosas duma intensidade dramático-pirosa entre os dois pombinhos.

Ela a pedir para ele a comer, ele a dizer que não queria abusar, ela a dizer que não

era abuso nenhum, e a lembrar-lhe as suas obrigações, bom, vocês já sabem: o costume.

Por fim ela atirou-lhe com argumentos a que ele coitado que não estava suficientemente politizado, não podia responder: disse-lhe que aquilo era nitidamente uma agressão patronal, que era um abuso do tipo nitido da linha do fascismo, que era um achincalhamento das classes trabalhadoras (muito embora elas ainda só tivessem sido admitidas à experiência por dois meses) e tantas coisas lhas disse que o pobre do homem acabou por ceder.

Claro, vocês já sabem: a gente cede sempre, e fica sempre lixado. Foi o que aconteceu. Assim que o pobre homem deu a primeira dentada na maçã, apareceu o Grande Senhor. E apanhou-o com a boca na botija, que é como quem diz com a boca na maçã.

O Grande Senhor espetou um dedo acusador para o fraudulento funcionário e alegando motivo justificado gritou-lhe:

— Risque... meu nome do seu caderno! Vá p'ras profundas do inferno, minhas maçãs já não comel!

E o pano caía dramática e lentamente, enquanto a Eva já sucapa apanhava com uma mão uma maçã para o caminho, e com a outra uma parra p'ra fazer um bikini.

Tenham muita paciência, mas eu só posso continuar nisto para a semana, porque senão não há lugar para outros artigos. Estudem bem a lição.

**MALHÃO**  
**Ó MALHÃO, MALHÃO,**  
**QUE VIDA É TUA?**  
— **PINTAR AS PAREDES**  
**Ó MALHÃO, MALHÃO**  
**E GRITAR NA RUA!**

**Ó MALHÃO, MALHÃO,**  
**CANTA LÁ MAIS UM!**  
— **CANTO E CANTAREI**  
**Ó MALHÃO MALHÃO,**  
**M.R. PUM PUM!**

Sem poções, sem peruca, sem qualquer tratamento — e contudo

**"Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"**



Intervol® Fantástico! Não. Com efeito: com o processo de enriquecimento de cabelos Eurocabe aplica-se em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelo natural como se se tratasse do seu próprio cabelo. Tal se consegue através de uma Matéria perflora desactivada e aperfeiçoada durante anos. Os seus princípios activos levam a fazer uma (cura de cabelo) tão entusiasmante, saudável e finalmente sem cabelos envelhecidos, cuidadosamente escolhidos. O cabelo é perfeitado de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos, pode com



o processo de enriquecimento de cabelos Eurocabe e através de fases sucessivas acrescentar mais o mais cabelo. Com o processo de enriquecimento de cabelos Eurocabe consegue obter-se cabelo já abundante em 4 horas de Eurocabe pode sentir-se seguro e natural, tomar banho, lavar a cabeça, dormir, andar em carros abertos, nunca parará — fazer tudo o que mais lhe agrade. Venha já, mesmo sem entrevista, mostrar-lhe todos os detalhes. O cabelo não sempre para um cabelo novo e o cabelo de Eurocabe. Rua Garrett, Santiago, 20 4.º - Lisboa - Tel. 26 66 92 Rua 24 de Junho, 223 4.º - Porto - Tel. 27 871

**eurocabe**

Instituto para Novos Cabelos  
Uma nova personalidade em quatro horas

MADEIRA: Rua da Liberdade, 100 - Tel. 26 66 92 LISBOA: Rua Garrett, 20 4.º - Tel. 26 66 92 PORTO: Rua 24 de Junho, 223 4.º - Tel. 27 871

# BAR RAGADÃO

## A PRAÇA DO COMÉRCIO

Isto de nomes de ruas e praças, travessas e becos, anda como toda a gente sabe a pedir reforma. E uma das que eu acho que é mais precisa é aquela praça muito grande e com dois laguinhos que há ali em Lisboa quando se desce a Avenida da Liberdade, e antes de aparecerem aquelas ruas muito bonitas, do Ouro, da

Prata etc. e tal. Sim porque não se sabe bem porque (pelo menos eu não sei e não tenho culpa de ser bruto) toda a gente se acostumou a chamar-lhe Rossio.

E depois quando se continua por essas tais ruas do Ouro da Prata etc. e tal, chega-se a uma grande praça, que toda a gente costumava chamar o Terreiro do Paço.

Ora muito bem. Em certa altura fizeram-se grandíssimos esfroços, para que as pessoas deixassem de chamar a esta última o Terreiro do Paço, porque tinha acabado a monarquia, não havia Paço, e portanto o Terreiro não podia continuar a ser do Paço. Por isso passou a dar-se-lhe o nome de Praça do Comércio — não se percebe

bem porquê, porque nessas alturas pouco comércio havia ainda ali. Tirando um velhissimo café numa das esquinas, ninguém (que se soubesse) vendia ali nada. E não havendo comércio não se percebe porque é que se teimava em chamar aquilo Praça do Comércio.

Seja como for, quem não ia em cantigas eram os ingleses que nos visitavam (e os que cá moravam) que com um notável sentido de daltonismo sempre lhe chamaram a praça do cavalo preto (The Black Horse Square) sem se importar que o cavalo de D. José fosse verde clarinho.

E como sempre fazemos a vontade aos estrangeiros, e nos tempos de até aqui há tempos eramos ultra-mesureiros para eles até ao nível oficial, todas as publicações de turismo do defunto SNI, que se referiam a Lisboa, tanto em português, como em macarrónicas hipoteses de traduções para francês e inglês concordavam plenamente em designar essa praça como sendo a "Black Horse Square".

Seja como for, eu cá teimo na minha: pode não ser Terreiro do Paço; mas também não pode ser a Praça do Cavalo Preto, nem mesmo a Praça do Comercio, e apesar de nos últimos tempos ali se terem fundado vários estabelecimentos comerciais de vários tipos e feitos, desde sapataria a lugares de fruta, desde livrarias e lojas de modas, desde quinilharias a discotecas.

Mas como a maioria é que deve prevalecer, nós optariamos pela designação de Praça de Automoveis, que nos parecia muito mais apropriada.

O nome de Praça de Comercio deve é ser aplicado à tal Praça, ali no fundo da Avenida da Liberdade, a tal que tem dois laguinhos com repuchos, antes de chegar às tais ruas do Ouro, da Prata etc. e

tal.

Porque ali, sim! Ali é que há comércio! Ali é que há lojas porta sim porta não, e em frente delas há lojas no chão. Não, senhor! Não são lojas falidas! Estão no chão, porque como havi uns passeios muito largos com bonitas pedrinhas brancas com desenhos e pedrinhas pretas, aquilo servia às mil maravilhas para serem autenticas bases de mármore para expôr artigos, e então em toda a volta da Praça, funcionam trezentas e vinte e sete lojas de proprietários independentes. E que ar festivo essas lojas no chão dão à nossa capital! POR Toda a parte esses comerciantes altamente progressistas utilizam as suas instalações de som, que em vez de musica transmitem os incitamentos à compra dos seus generos: os ultimos modelos de sapatos de homem senhora a crianca, modelos das grandes capitais a preços de arrazar (não ficamos bem a saber quem);

— Ó freguês estes cintos são uma maravilha, e em qualquer loja custam mais de cem mal reais! Compre agora que faz uma boa compra!

— E as saias! A escolher a cinquenta mal reais!

— T'á qui os livros proibidos p'ra Censura! Agora pode comprar todos! Vela o freguês a maravilha destes livros!

— Camisolas de lã qu'á a ultima moda! Ó freguesa olhe p'ra este luxol! É a setenta paus!

— Quem quer sapatos bons e baratos! (Saia daí, sua besta, né vê que me está a pisar as chinelas?) Quem quer sapatos! É bom e barato!

— Cá estão os ultimos discos, agora todos a cõrenta paus!

Qual Rossio, nem qual carapuça! Qual Praça D. Pedro IV nem qual história!

Se aquilo ali não se passar a chamar a Praça do Comércio Livre, é uma flagrante injustiça!

ANDEI QUASE 50 ANOS A OUVIR DIZER QUE PORTUGAL ERA UM PAÍS ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA... MAS NÃO VEJO JEITOS DE ISTO DAR "PIRO" "PITRÓLIO"





EL-REI

— Sabei D. Briolanja que graves decisões urge tomar!

D.BRIOLANJA

— Não me façades rir que tenho a boca gretada! Que decisões quereides tomar? Não deveides estar bom do capacete!

EL-REI

— Sus, D. Briolanja! Que linguajar é o vosso? Acaso vos haveides esquecido de que deveis, hoje e sempre, respeito ao vosso real amo e senhor?

D.BRIOLANJA

— O fisico já vos avisou para não andardes sempre a beberriar essa horrivel mistura a que chamam cachaça. E pelo que oico, parece que vós não lhe haveides ligado pëva!

EL-REI

— Senhora, que a custo sustenho a minha ira! Acaso vossa atitude presuppõe um desafio?

D.ALDEGUNDES

— Ah, queridos papá! Falaveis dum desafio? Quem o disputa? Disputa o Fluminense ou disputa o Vasco? Se o Vasco disputa...

EL-REI

— Menina, se o Vasco disputa, não devia dizer. Isso é um vocabulo indigno de ser pronunciado por donzelas da vossa estirpe...

D.BRIOLANJA

— Deixaide, minha filha. Vosso progenitor acordou da sesta vespertina com o capacete avariado. Certamente pela cachaça. Não diz coisa com coisa!

EL-REI

— Senhoras, noto com desgosto que ultimamente têm diminuido a olhos vistos o vosso tradicional respeito pela minha paternal solicitude. E sendo assim terei que tomar drásticas medidas.

D.BRIOLANJA

— Sabeide, senhor que medidas tomam os alfaites ou os calafatas. As medidas que vós tomais são de cachaça, e pela medida grande!

D.ALDEGUNDES

— Mamã, não sejaides tão severa com o querido papá! Lembraide-vos que ele hoje já tem tão pouco com que se entreter... deixai-o dizer coisas!

EL-REI

— Grato vos fico, amantissima filha. Comecei eu estas minhas palavras com o fito de advertir o que resta da minha outrora faustosa corte das graves decisões que ora urge tomar!

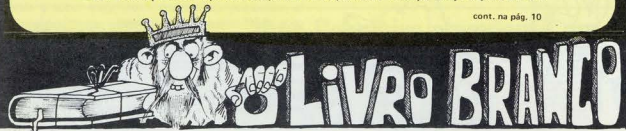
D.ALDEGUNDES

— Ah! mas que se passa papá? Acaso não vos sentides bem?

EL-REI

— São de corpo e de espirito estou, filha minha, embora o corpo esteja alquebrado e o

cont. na pág. 10



# DÊEM-ME UM AVIÃO E UMA MOGA!!



ENTÃO DEIXAM  
O GAJO PIRARSE  
PARA O BRASIL  
E DEPOIS O TIPO  
AINDA GOZA  
A DIZER QUE  
OS PIDES  
SÃO UNS  
"PORREIRINHOS"  
PATRIOTAS





cont. das centrais

espírito desfalecido pelas provocações. . .

D.BRIOLANJA

— É isso mesmo! É das provações que andaides a fazer de novos tipos de cachaça! Pareced-vos cada vez mais com o vosso compadre D. Alonso Maçaneta!

EL-REI

— Não me faleides nesse garboso nobre, que de saudades me fazeides sofrer!

Quando me alembro da acalmia em que as nossas vidas decorriam, quando D. Alonso corria pelo meu velho reino a presidir às cerimónias solenes de tantas e tantas sociedades recreativas, onde sempre ele publicamente louvava o meu nome e a sábia maneira como eu administrava o reino, e em paga lhe davam mais um título honorífico, uma vistosa medalha, e um real pifão?

D.BRIOLANJA

— Se me lembro! Daquela vez que estive em Arruda dos Vinhos, e que até o convenceram a cantar o fado da Azenha! E que depois ele entrou pelo palácio dentro, onde nós estávamos a receber a solene visita do embaixador da Falcatruallândia, e queria à viva força que o embaixador despiesse a casaca e provasse um copo! Nem em quero lembrar da vergonha que passamos!

D.ALDEGUNDES

— Ó mamã, não foi assim tão mau! Lembre-se que no fim o embaixador já estava tão gossoso como D.Alonso Maçaneta e até dançaram um com o outro! Nunca me diverti tanto!

EL-REI

— Ai! Bons tempos foram esses! Mas cedo terminaram! Quem adivinharia. . .

D.BRIOLANJA

— Quem o adivinhara, dizeides bem! Que poderíamos ter melhor acatelado os nossos modestos interesses. . .

EL-REI

— Pois é isso mesmo que vos queria anunciar. Decidi refazer os nossos cabedais!

D.BRIOLANJA

— Vós? Ides-vos meter noutra alhada?

EL-REI

— Por quem me tomaides, senhora? Ouviu o meu plano e cacarejaide depois!

D.ALDEGUNDES

— Diga, papá! Diga depressa! Às vezes. . .

EL-REI

— Ora vós sabeides que o meu secretário D. Marcelino de Capristano, Pessoa em que eu por mais confiava, escreveu um pergaminho difamante, já no exílio, acusando-me a mim, a que era o seu rei, o seu senhor, de todos os erros que se diz terem sido cometidos no reino?

D.BRIOLANJA

— Assaz o sabemos. Boa peça nos saiu esse nobre de meia tijela!

EL-REI

— Pois o certo é que todos têm os seus inimigos, e que os meus inimigos parece que foram quem o incitou a concitar contra mim os epítetos de incompetente, inflexível e tradicionalista defensor dos costumes do reino!

D.ALDEGUNDES

— Já tinha ouvido falar!

EL-REI

— Como se um rei absolutista como eu, descendente em linha recta duma dinastia que ia festejar o seu quinquentenário, não tivesse o direito e digo mesmo a estrita obrigação de se manter tradicionalista, em vez de andar como ele andava a arreganhar a tacha e a conversar com as famílias, só para me desconsiderar!

D.BRIOLANJA

— Mas a verdade é que muita gente lhe dará ouvidos! E agora tendo escrito esse pergaminho. . .

EL-REI

— Pois foi isso que me deu a ideia. Vou eu próprio escrever as minhas memórias. E nelas contarei todas as prepotências de que fui vítima. Todas as impotências. . .

cont. na pág. 11



Que será feito de Francelina ("Simplesmente France") de Vasconcelos?

Os seus arranjos florais e a sua propensão para as velas como elemento decorativo tornaram-na muito querida dos cangalheiros que — já me contaram — estão inconsoláveis com a falta de notícias. . .

Contudo, nem a televisão nem o humorismo nacional podem prescindir de uma tão preciosa colaboradora. Convidem-na para fazer um curso de Kung Fu, na telescola, convidem para os prognósticos desportivos, seja para o que for: eu não posso passar sem a France! Nem eu, nem os cangalheiros!

Diz-se que é mais difícil entrar no Partido Comunista do que na "Parada" de Cascais ou no Clube Tauromáquico.

Há anos, as pessoas que não foram convidadas para dois celebres bailes organizaram o "baile dos recusados".

É uma ideia. Até para título de uma canção servia.

Ele escreve como dez zebras, à desfilada, irmãs daquelas zebras que, no século XIX, o milionário Marquês de Farrowo atrelou a uma carruagem e que se espantaram e desembestaram — sem carruagem — pelo Passeio Público, hoje Avenida da Liberdade.

Ele escreve com todos os demónios à solta.

Lisboa inteira o lê, à segunda feira.

Nesta coluna de irreverência, uma reverência a Artur Portela (Filho).

Palavra que gosto do Partido Popular Monárquico mas ainda gostava mais se fosse mais popular e, em vez de ter o senhor D. Duarte Nuno como candidato tivesse a Herminia Silva!

Eu lembro-me da Aida Baptista quando ela, há mais de quinze anos, era a "Orquidea" que saía de uma caixa, numa revista do Monumental. Era uma orquidea sem cheiro e sem talento mas bonita a valer.

Agora, Aida Baptista já não é orquidea mas uma sardinha. Está no "Frou-Frou" e vai acumular esse trabalho com a participação numa revista no Parque Mayer. Multiplica-se, soma e segue. Eu só pergunto a mim mesmo onde é que ela arranjou tanto talento.

# O PIDE É BOM BAILADOR

O PIDE É BOM BAILADOR  
BAILA BAILA E RODOPIA  
FAZ BANZÉ, GRITA ASSOBIAS  
E TUDO BAILA EM REDOR

O FACTO DE ESTAR NA PRISA  
NÃO LHE FAZ NENHUMA MOSSA:  
O PIDE É BOM BAILADOR  
E SABE QUE HÁ MUITO SENHOR  
QUE JÁ LHE FAZ VISTA GROSSA:  
POR ISSO GRITA ASSOBIAS  
FAZ BANZÉ, DÁ ENCONTRÕES  
E FAZ REIVINDICAÇÕES!

O PIDE É BOM BAILADOR:  
BAILA BAILA E RODOPIA  
E JULGA QUE O POVO É CEGO,  
QUANDO VIRA O BICO AO PREGO  
A GRITAR COMO UM DANADO  
QUE ESTAVA ENSONSO O GUISADO  
E QUE EM DIAS DE CALOR  
NÃO LHES TINHAM FORNECIDO  
O AR CONDICIONADO:  
POR ISSO REIVINDICAVAM  
DIREITOS QUE LHE ASSISTIAM  
ENQUANTO AS PORTAS DA PRISA  
P'RA SAIREM NÃO SE ABRIAM...

QUE O PIDE É BOM BAILADOR  
BAILA, BAILA E RODOPIA  
E TUDO BAILA EM REDOR  
JÁ DE HÁ MUITO SE SABIA.  
CÁ POR MIM, OS SEUS DIREITOS  
MESMO QUE ESTEJAM PENDENTES  
RESOLVIA-OS NUM INSTANTE:  
CORTAVA-LHOS TODOS RENTES!

# OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração  
R. Conde Redondo n.º 12 - 2.ª LISBOA  
Tel. 53 85 85 53 79 49 48668 563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA" - S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS  
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA



cont. da pág. 10

D.ALDEGUNDES

— Dessas também eu fui vítima, papá!

D.BRIOLANJA

— Cale-se menina, tenha termos! Mas como ides vós escrever as vossas memórias, se para começar não tendes memória nenhuma: e depois mal sabeis alinhar duas regras?

EL-REI

— Com essa me ofendeides, D. Briolanja. Mas não vos ligarei. Confesso que na verdade a escrita de cursivo não é o meu forte. Muito embora a improvisar eu já estivesse muito bem. Mas não vos ofendeides! Para fazer fortuna, não haverá mister de escrever muito. Bastará que os arautos proclamem que em breve serão gutenberguizadas as memórias de sua Majestade. E pronto receberei fartos cabedais dos mercadores de escritos...

D.BRIOLANJA

— Mas como? Tereides que escrever algo...

EL-REI

— Admiraide agora o valor do meu real bestunto, descrente senhor! Fazerrei um grosso rol de pergaminhos, atados e lacrados com o meu real selo. E venderrei ao mercador de livros com a condição de só ser aberto, quando vier licença do Santo Ofício cá desta terra, para a sua publicação.

D.ALDEGUNDES

— E depois?

EL-REI

— Depois os pergaminhos estarão todos em branco. Porque vós bem sabeides o que aconteceu a esse meu antigo secretário: teve o trabalho de escrever todas aquelas aleivosas, e depois o Santo Ofício proibiu a sua publicação! E assim me vingarei das suas malfetorias, e ganharei grossos cabedais!

D.BRIOLANJA

— Mas meu senhor, e se alguém descobre que nada está escrito nos pergaminhos? Não vos punirão por falcia e burla?

EL-REI

— Não vos atralheides! O título das minhas memórias será O LIVRO BRANCO DO MEU REINADO!

# VITALIDADE GINSENG ÚNICO EM PORTUGAL RECEBIDO DIRECTAMENTE DO ORIENTE



O seu interesse pelas mulheres não se perdeu: foi o seu organismo que se enfraqueceu.

É preciso revitalizá-lo. Mas, cuidado: não tome estimulantes, que podem afectar-lhe a saúde e nada resolvem.

Não é uma questão de idade. Recorra a produtos naturais para recuperar o vigor. Nós possuímos a célebre raiz da vida, tão celebrada pelo Padre Jesuíta JARTOUX, em 1711, numa carta dirigida ao Procurador-Geral das Missões.

Cada frasco contém 50 gramas de Ginseng de Korea instantâneo granulada. Envia-se pelo correio à cobrança. Pedir literatura explicativa. Se mora em Lisboa telefone para os N.ºs 65 44 34, 65 17 32, 68 97 72.

## SARACIL — SOCIEDADE DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL, LDA.

R. Arco do Carvalho, 69, 1.º (Campolide) — Lisboa-1 — Autocarros N.ºs 2, 12, 13, 15, 18, 42 e 51

### DELEGAÇÕES:

CACÉM — Errandaria do Cacém — Aгуаiva — Telefone 294 04 89  
COSTA DA CAPARICA — Farmácia Higiénica — Telefone 240 00 20  
FUNCHAL — A. J. Mateus Ferreira — Rua dos Tamoios, 49 — Telefone 2 47 44  
PORTO — Centros de Dietética Popular — Mercado do Bolhão — Telefone 3 11 56

Sempre jovem e vigoroso com GINSENG DE KOREA

# AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



u andava já de há muito tempo com ela fisgada. Quería arrajar uma entrevista com um elemento preponderante da política.

— Qual política? — perguntarão vocês.

Ora, qualquer política. Para mim tudo me serve, para fazer uma entrevista. Vocês sabem, é o que toda a gente gosta agora é de discutir política. E o bom jornalista tem que ser como o bom criado de mesa num hotel de luxo: dá ao cliente aquilo que ele pede. Seja o que for. E como o cliente nacional, neste preciso momento tem um apetite louco por política, aqui tenho eu andado à coca à espera de arrajar uma entrevista com

tirados dum evangelho um bocado sujo, muito entretidos a ornamentar uma vetusta vedação de luxuosas ripinhas entre duas dessas moradias, com pinturas rupestres e disticos apropriados.

Aproximei-me sorrindo dedicadamente e perguntei a um dos apóstolos, que era o fornecedor das latinhas de tinta de esguicho ao artista decorador.

— O Senhor dá-me licença...?

Houve um momento de alarme no grupo dos apóstolos artistas, mas ao olharem para o meu imponente metro e cinquenta e oito, acharam que era melhor desistir de lutar e um deles respondeu-me de mau modo:

— Quería, sabe, era uma opinião política sua. Estou a fazer uma série de entrevistas, principalmente sobre política, e...

— Ora escreva lá: Nós somos contra.

— Contra quê?

— Contra quê? Somos contra, pronto! Nós achamos que uma pessoa que é a favor, é uma pessoa dominada, escravizada, espezinhada. Uma pessoa que é a favor, seja lá do que for, é uma pessoa que abdica dos seus próprios ideais, dos seus próprios princípios, das suas próprias opiniões. É uma pessoa psicologicamente diminuída!

— É pá, tu defines bestialmente bem cá os sentimentos da malta! — interrompeu uma

de luta a cumprir: toda a gente diz que o país precisa de trabalho: o senhor quer mais trabalho do que andar aqui todo o dia a pintar as paredes? Fartamo-nos de andar, fartamo-nos de esguichar tinta, e o que é pior é que temos que estar sempre a inventar frases novas, que é para toda a gente saber que continuamos activos: que continuamos a lutar, e que se nos calamos... estamos mortos!

— Morto com fome, estou eu, pá! — interrompeu outro — Tu já viste qu'horas são?

— Augente, qué a sua obrigação! Atão você não sabe qu'agora temos qu'arriar nesses capitalistas que querem por a malta a trabalhar? Ordinários! Lá porque têm pas-



um político.

E outro dia consegui!

Eu ia muito descansado por uma rua abaixo, num bairro de lindas moradias de traço irregular onde artisticamente se confundiam os tons cinzento malva de algumas tábuas que eram verdadeiras preciosidades de velhas cofragens com bocados esquisitamente recortados e enrugados de antigas chapas de precioso zinco, à mistura com o alegre garrido tons caixilhos em segunda mão dumas janelas cuidadosamente seleccionadas num "sucateira" qualquer, quando deparei com um grupo de apóstolos

— O que é que bocé quer? É bufo ó qué?

— Não senhor: sabe eu sou jornalista, e queria entrevistar os senhores para o meu jornal...

Eles entre-olharam-se e um deles decidiu:

— Porreiro. Até calha bem, que é p'ra gente por os pontos nos is. A propósito ó Licas, olha que aquele i não tem ponto...

— Acabou-se a lata da tinta, pá!

— Abre outra. Nã te deram ainda ontem meio cento delas? P'ra qué que as queres? P'ra pintar quadros p'ras Belas Artes?

E voltando-se para mim continuou:

— Ora arreberte lá: ó qué que bocé quer saber?

das apostolas a destapar mais uma latinha de tinta.

— E não é só isso: o principal é que o destino do homem é lutar. Quando o homem deixa de lutar deixa de ser homem...

— Aii! E eu ando há tanto tempo á espera que tu acabes a tua luta... — murmurou um dos companheiros.

Interrompi o caminho que a conversia la tomar, perguntando:

— Mas então as vossas convicções políticas pendem para a esquerda ou para a direita?

O apóstolo cuspiu uma madeixa de cabelos que entrara para a boca e respondeu:

— Não nos interessa direitos nem esquerdas. Nós somos livres. Nós achamos que neste momento temos uma missão

ta, acham qué só arrajar empregos e mandar a malta trabalhar! Ora escreva lá, ó Licas!

— Com que cor?

— Encarnado, pois atão? Escreva lá: ABAIXO O CAPITAL E O TRABALHO!

— É pá, mas isso não tem jeito nenhum!

— Tá bem, atão põe só ABAIXO O TRABALHO!

— Mas assim fica a gente mal vista...

— Também tens razão. Olha põe só, em letras muito grandes: ABAIXO! E vamos ao gajo que deu a tinta, que são horas de ir aos morfos!

E sem me ligarem mais nenhuma, os apóstolos meteram-se num "Jaguar" que estava parado ali próximo e desandaram.

# HUMOR NEGRO



**P**artimos em excurção mal o sol apontava os seus raios. Normalmente o número de pessoas que parte é mesmo á chegada. CERca de uma hora decorrida as pessoas que iam do lado do sol foram apelidadas de "Fascistas", pelas que iam do lado da sombra alegando estas que o "sol quando nasce é para todos."

Inesperadamente o autocarro faz a primeira paragem forçada porque um rebanho de carneiros atravessa a estrada. O senhor Neto aproveita a paragem para fazer Chi-chi. O rebanho passa, o autocarro parte e o senhor Neto fica. A esposa olha pela janela e acena ao marido despedindo-se comovida.

As grutas; "SE GOSTA DE EMOÇÕES FORTES VISITE AS GRUTAS"; os excursionistas entram. O menino João atira uma pedra, a uma estalactite, esta cai, e enterra-se na cabeça do senhor Moisés, matando-o de imediato. Ulgumas pessoas erguem o corpo, e atiram-no para o lago das moedas, dizendo que dá sorte.

A filha do senhor Moisés passa no local e diz:

— Papá, que estás a fazer aí?

Responde logo a mãe:

— Está a ver se encontra a moeda de um escudo de 1935.

UM pouco mais à frente, aparece um Homem das Cavernas, com um ar ameaçador, e assenta uma valente mocada no alto da piuga da D. Celeste; puxa-a pelos cabelos, e desaparece na sombra.

Logo, a Susete comenta:

— Que original, que original; a organização não descurou nada. Autenticos trogloditas.

Entretanto um pedregulho de uma mega tonelada, desloca-se o no trajeto esmaga contra a parede da gruta a D. Miquelina. O filho, ao passar no local, corre a dizer ao pai que viu pinturas rupestres. Este, grande apreciador, ao ver a obra, exclama:

— Grandes retratistas eram os antepassados do Homem.

Vê bem meu filho, é a cara chapada da tua mãe.

Mais à frente, pendurados de cabeça para baixo estão vampiros.

O Sr. ROSado, vê-los, diz logo:

— Olha, aves das grutas.

Aproxima-se para lhes tocar, mas um vampiro morde-lhe o pescoço ao mesmo tempo que lhe suga o sangue. O celebre realizador, Castro de Meneses que também fazia parte da excurção, contrata-o para o proximo filme de vampiros; alegando que teria de actuar sozinho, pois desde que foi mordido por um vampiro e se tranformou num deles, e as atrizes não estavam para serem mordidas e transformarem-se também. O filme tem o titulo:

"SEM NINGUÉM PARA MORDER".

Eis que aparece um lago subterrâneo. Os visitantes entram num bote e iniciam o percurso remando. Um enorme estrondo ecoa por toda a gruta ao mesmo tempo que o barco se desfaz em pedaços. Algumas pessoas afogam-se, outras procuram nadar para terra. O que se passava. O celebre pirata barba-cor-de-rosa, oculto na gruta, atacou o barco com um potente canhão, ao mesmo tempo que bradava aos seus homens, que não deixassem escapar as mulheres dos dezoito aos vinte e cinco anos, cujas medidas fossem 90-68-90.

Como não encontrou nenhuma navegação rumo ao Parque Mayer, porque aí havia de certeza.

Entretanto o Sr. Abata, agarrado a uma tábua vê uma ilha e nada apressadamente. Ao chegar á ilha um leteiro diz-lhe, que, É PROIBIDO PISAR A RELVA. Como era muito cumpridor, e não aguentava mais de cinco minutos debaixo de água sem respirar, morreu afogado.

É o fim da visita às grutas. Quando já não se esperava ninguém á saída das grutas, eis que, e inesperadamente aparece um individuo a dizer:

— Estou vivo, estou vivo, e pertenco á excurção.

NOTA DO AUTOR: ESTA PERSONAGEM QUE SOBREVIVEU NA VISITA ÀS GRUTAS, NÃO PERTENCE A ESTA ANEDOTA, POIS FOI INTENÇÃO DO AUTOR FAZER COM QUE NENHUM EXCURSIONISTA CHEGASSE AO FIM DA EXCURSÃO.

# A TRÁGICA VISITA ÀS GRUTAS

# PRA CONTE-NOS

000



FURIOSO DA BOLA

HAVIAM DE AUMENTA-LO MAIS AINDA ATÉ DAR UM JOGO POR DIA

CAPITALISTA



DIRIGENTE DESPORTIVO (CONTRA)

O QUE ELES QUEREM É MAMA



DIRIGENTE DESPORTIVO (PRÓ)

O QUE ELES QUEREM É O MONOPÓLIO DA TETA!!!

QUE PENSAM DO ALARGAMENTO DA 1ª DIVISÃO



...HAJA BOLA...HAJA BOLA COM FARTURA... 20, 30, 40 o MÁXIMO QUE DISTRAIA O PAGODE!...



JOGADOR

É PRECISO ÉCRIAR POSTOS DE TRABALHO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO NACIONAL



MULHER DO FUTEBOLISTA

EUTENHO SIDO SEMPRE UMA MULHER SÉRIA... MAS COM MAIS OITO SEMANAS DE ESTÁGIO POR ANO NÃO RESPONDO POR MIM!...

# rebola bola

Pois meus amigos, a bola já começou a rebolar! Assim a modos que a medo, mas o Zé começou já assim como quem prova um aperitivo antes de comer, a ir até aos campos ao domingo, aqui e ali, para ver o que se passa.

Claro que de certo modo todos têm saído assim um bocado desconsolados, porque não se viu ainda nada de

espectacular.

É evidente, que há sempre desculpas: ainda não estão em forma, ainda não estão rodados (isto de jogadores é pior do que os automóveis, que para fazer uma boa rotação precisam duns mil a tal quilómetros) e outras desculpas do mesmo jaez.

Lá voltamos a ouvir a mesma coisa dos outros anos, que



os jogadores ainda não estão calhados uns com os outros — ou falando como o senhor Alves dos Santos, ainda não têm o jogo bem "entruzado" (o que não sei o que quer dizer e me parece que se refere a uma acentuada falta de truz) — mas seja como for a bola já rebolou.

Foi pena que o "sucó" melhor desses aperitivos não pudesse ter sido servido directamente ao Zé: foi o caso do torneio de Sevilha, onde o Benfica e o Sporting foram

botar figura: o Benfica boa, e o Sporting má.

É sempre assim: diziam mal do Benfica, que perdeu o campeonato e tudo mas ele chegou ali, e... olé! Toma lá duas e vai-te curar. Até o velho Eusebio tornou a tirar aquele retrato de ir todo no ar, com um pé atrás e outro a fazer de canhão anti-carro, que neste caso era anti-baliza sevilhana, e por aqui me sirvo. O sporting, coitado era o tal que estava ainda pouco entruzado, e o resultado viu-

se: comeu do Bétis como gente grande.

Bom, vão lá brincando uns com os outros, que a gente quer é vê-los quando começar o nacional. O nacional é que é bom.

Claro que vai haver muitas mudanças: eu cá por mim nem sei mesmo se valerá apenas fazer o nacional: para variar, tenho cá uma ideia que quem vai ganhar é o Académico...

## ANÚNCIOS

### VENDE-SE

Colecção de discos de musica simples, sem canções contestatárias nem de mensagens de qualquer especie. Autentica raridade nos tempos que vão correndo. Resposta ao número 22.

Combinações de letras que ainda não foram utilizadas para designar as iniciais de nenhum partido politico. Já existem poucas colecções. Resposta ao número 33.

Bicicletas de corrido que entraram na ultima Volta a Portugal, mas que estão praticamente novas por terem feito muito poucas etapas. Boa oportunidade para quem quizer fazer outra volta melhor — o que é fácil. Resposta ao número 11

### COMPRA-SE

Bomba de gasolina em qualquer local. Agora é que o negócio é bom. Resposta ao número 80

Livro de receitas de cozinha que tenham cem maneiras de cozinhar conservas. Se as conservas também aumentarem, não quero. Resposta ao número 31.

Curso rápido que ensine a ser funcionário publico, daqueles das letras grandes. Resposta ao número 100.

### ALUGA-SE

Parte de casa a casal sem frio. Fica situada no norte do Alaska, mas há carreiras de esquimós que passam à porta. Resposta ao número 0 centigrado.

Direito à posição na bicha matinal para o autocarro de Benfica. Boas condições, tendo por vezes lugar sentado. Resposta ao número 60.

Direito à ocupação, por um mês (das minhas férias) do local onde habitualmente recolho avultada quantidade de beatas em muito bom estado. Resposta ao número 31.



# SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)  
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS  
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS  
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
“EPEDA” E “DELTALOC”